O Canto dos Rouxinóis

Ditado pelo Espírito de ***Saulo***.



Maria Conceição Oliveira Lima

O Canto dos Rouxinóis

© 2011, www.clubedeautores.com.br.

Editor:
Maria Conceição Oliveira Lima – Prefixo Editorial ISBN 914046

Produção e Capa:
Beto Sanches

Revisão Geral:
Kyva Berdicthenwisky

Saulo (Espírito)
Canto dos Rouxinóis/[psicografado por] Maria Conceição Oliveira Lima; [ditado por Saulo]. – São Paulo: Clube de Autores, 2011.

ISBN 978-85-914046-0-5

1. Romance espírita. 2. Obras Psicografadas. I. Lima, Maria Conceição Oliveira. II. Título.

O Canto dos Rouxinóis

Dedicatória

Para:
Minha família, meus amigos e meus leitores.
Em especial para aqueles que escolherem seguir os exemplos de Mestre Adorin.

Agradecimentos:

Agradeço a Deus por tudo o que me foi oferecido nessa vida.
Aos amigos do plano espiritual pela compreensão das minhas fragilidades.
Aos meus filhos pelo respeito dedicado ao meu aprimoramento espiritual.
A todas as meninas da minha vida.
Ao editores por mais essa demonstração de confiança na seriedade do meu trabalho.
A todos vocês, minha eterna gratidão!

Índice

Prefácio ..... - 7 -
Introdução ..... - 10 -
Retorno a Colônia Revivendo ..... - 12 -
O Espírito de Lemúria ..... - 25 -
Ouvindo a História ..... - 31 -
Aprendendo um pouco mais ..... - 36 -
Lemúria e Krits ..... - 48 -
A Vida no Acampamento Cigano ..... - 49 -
A revelação ..... - 55 -
As Primeiras Rebeldias ..... - 58 -
Ressurge a Ambição ..... - 64 -
A Primeira Batalha ..... - 72 -
Intervenção dos Espíritos ..... - 76 -
Rede de Intrigas ..... - 81 -
A missão de Jussara ..... - 87 -
Gilda e Diogo ..... - 90 -
Ataque ao Acampamento ..... - 91 -
A liderança de Jussara ..... - 95 -
Mais uma aventura ..... - 98 -
Minha curiosidade ..... - 100 -
A Luz de um Espírito ..... - 101 -
A luta de Doninha ..... - 105 -
A notícia ..... - 109 -
Causa e Efeito ..... - 113 -
Entre o Bem e o Mal ..... - 117 -
Diogo, o Algoz ..... - 122 -
O resgate de Gilda ..... - 125 -
O despertar na Taberna ..... - 130 -
Os planos de Jussara ..... - 134 -

O encontro ..... - 138 -
Retorno ao Acampamento ..... - 141 -
O Desenlace ..... - 142 -
O Destino de Cada Um ..... - 144 -
O Retorno a Abarráz ..... - 147 -
Obsessão Frustrada ..... - 150 -
O Reencontro ..... - 152 -
A Luz e a Sombra ..... - 154 -
Explicações de Simão ..... - 157 -
Primeiros Anos na França ..... - 158 -
A volta do Colégio ..... - 162 -
Vivendo no Castelo ..... - 165 -
O Baile ..... - 169 -
A grande mentira ..... - 172 -
Mais uma luta ..... - 174 -
Outra mentira ..... - 178 -
A decisão de Rodolphe ..... - 182 -
O escândalo ..... - 185 -
A Vida em Paris ..... - 189 -
A separação ..... - 191 -
Noelle em Paris ..... - 194 -
Repetindo as condutas ..... - 196 -
A doença de Charles ..... - 198 -
A Mendicância ..... - 201 -
O abandono ..... - 203 -
No limite das forças ..... - 205 -
O suicídio ..... - 207 -
Vivendo suas Escolhas ..... - 208 -
Outras Orientações ..... - 209 -
Outro Resgate ..... - 211 -

O Retorno de um Mestre ..... - 212 -
Escalada Evolutiva ..... - 215 -
Mestre Adorin e Lemúria ..... - 219 -
O Encontro Marcado ..... - 222 -
Nas Entranhas de Lemúria ..... - 225 -
A Prece como Refrigério ..... - 229 -
Mudanças de Planos ..... - 231 -
O Enfrentamento ..... - 235 -
Mais um pouco de Amor ..... - 238 -
Perdas e Danos do Passado ..... - 240 -
Diálogo Oportuno ..... - 243 -
A Separação ..... - 245 -
A Despedida do Mestre ..... - 248 -
Lemúria na Colônia Revivendo ..... - 250 -
Eu e meu Mentor ..... - 254 -
O Canto dos Rouxinóis ..... - 256 -
Guia de Orações ..... - 259 -
Prece de Desobsessão ..... - 260 -
Oração de Luz ..... - 261 -
Prece da Fé ..... - 262 -
Prece da Compreensão ..... - 263 -
Prece de Gratidão ..... - 264 -
Oração de Clemência ..... - 265 -
Oração de Reconhecimento ..... - 266 -
Oração de Súplica ..... - 267 -
Prece de Agradecimento ..... - 268 -

Prefácio

Quando tive a surpresa gratificante e a elevada honra de ser convidado a prefaciar o livro “O Canto dos Rouxinóis”, ditado por Saulo e psicografado pela minha especial amiga Conceição, de imediato inúmeros sentimentos invadiram meu espírito, além, é claro, da curiosidade natural em torno do conteúdo do livro.

Suponho que, além do grande carinho e respeito mútuo que nos une, a querida amiga, quando do convite, possivelmente tenha levado em conta a influência mística que a religião e o estudo da espiritualidade sempre exerceram em todos os aspectos da minha vida, proporcionando-me ensinamentos e experiências inúmeras, cuja riqueza e variedade a própria autora teve oportunidade de testemunhar inúmeras vezes.

Ter o privilégio de ler uma obra psicografada, principalmente um livro de excelente qualidade como este que agora se encontra em vossas mãos, caro leitor, é uma experiência ímpar, posto que edifica o espírito e estimula o intelecto.

Meditando acerca da criação da obra, é possível nos sentirmos tentados a imaginar os autores, cada qual em seu espaço espiritual próprio, separados entre si por uma ponte invisível que todos nós um dia haveremos de trilhar. Saulo dita, Conceição escreve. Saulo informa e Conceição anota. Nos intervalos, ambos discutem os resultados do trabalho e os rumos da obra.

Todavia, conquanto plausível, e até mesmo lírica a cena acima descrita, ainda assim a mesma não corresponde exatamente à realidade, e o leitor atento facilmente tomará consciência disso logo nas primeiras páginas.

Em que pese realmente existir um abismo separando o mundo terreno da esfera celestial, não é mais a autora que se encontra do lado de cá, atenta ao que Saulo dita do outro lado, mas sim você, caro amigo leitor.

Conceição agora é a ponte, que une o nosso mundo terreno à Colônia de Saulo.

Saulo, que, pelas mãos de Conceição, já nos trouxe a história de seu desencarne e de sua vida passada no livro “Perfume de Jasmim”, vem agora nos brindar com um romance tão compassivo e intrigante quanto o próprio “Canto dos Rouxinóis”.

Agora ele nos traz novas nuances da eterna luta entre o bem e o mal que se enfrentam dentro de cada um de nós, entrechocando-se constantemente no caminho da evolução que nos compete trilhar. Entretanto, também divide conosco, fraternalmente, as lições sobre a felicidade suprema que lhe foram ditadas pelo seu Mestre.

“O Canto dos Rouxinóis”, além do mais, consiste-se em claríssimo sinal de alerta acerca da maneira mais justa e perfeita de amar o próximo, e de como obedecer corretamente ao segundo dos mandamentos ditados pelo Mestre Jesus: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Mt. 22,39).

É este, caro leitor, o grande segredo que este livro nos ensina: Amar ao próximo tanto quanto você ama a si próprio! Nem mais, nem menos, para que não se torne escravo no excesso, nem egoísta na avareza. Só a IGUALDADE produz o amor que realmente importa!

Eis aqui o drama, o desafio e, enfim, a prova a que são submetidos, repetidas vezes, Krits e Lemúria, personagens centrais do livro, o primeiro se elevando sempre mais na direção da luz e a segunda chafurdando-se cada vez mais na corrupção espiritual e nos vícios mais mundanos. Some-se a isso o profundo amor que, ironicamente, os une, entrelaçando seus caminhos e destinos ao longo de sucessivas e tumultuadas reencarnações.

“O Canto dos Rouxinóis”, além do mais, enaltece de forma sublime o livre-arbítrio, a expressão mais suprema e ampla do conceito de LIBERDADE, ensinando-nos a respeitar a escolha alheia, mesmo quando o outro opta pelo caminho errado, afinal nos compete apenas guiar, jamais conduzir.

É essencial, portanto, que estejamos sempre atentos e vigilantes, eis que, tal como no livro, também no mundo terreno e no quotidiano nosso existem inúmeros Krits e Lemúrias, uns esperando que busquemos seu apoio e seu exemplo, outros nos espreitando ou nos seduzindo para, no momento certo, se aproveitarem das nossas fraquezas.

Assim como narrado nas páginas seguintes, também no nosso meio terreno existem inúmeros vales comandados pelo "Pai dos Segredos" ou pelo "Chefe dos Mistérios"[1]. Todavia, para que os laços e armadilhas que nos são ardilosamente preparados em tais lugares não nos causem dano, basta que estejamos sempre com o espírito elevado e protegido pelas boas vibrações e pelo poder incontestável da oração.

Dessa forma, a grande mudança necessária para a prevalência da FRATERNIDADE, através da "harmonia entre o planeta e seus habitantes", só será possível, como dizem Saulo e Conceição, "a partir da mudança que somos capazes de operar dentro de nós mesmos".

Conclui-se, portanto, que só com a luta incessante pela prevalência do espírito sobre a matéria é que efetivamente obteremos êxito na evolução espiritual a qual, mais do que uma finalidade, deve ser obrigação para nós todos.

Afinal, como diziam os antigos: "Mens in corpore tantum molem regit", significando que a mente deve dominar o corpo[2].

Ouro Fino/MG, 14 de abril de 2.011.

José Carlos de Paula
Advogado, escritor, poeta e artista plástico.

[1] Cenário de algumas passagens do livro, o "Vale de Abarraz", quando traduzido do aramaico, traz as significações seguintes: "Abba" = "Pai" ou "Chefe de um mosteiro" e "Raz" ou "Razia" = "Segredo" ou "Mistério".

[2] "Mens in corpore tantum molem regit" traduz-se literalmente por "A mente rege a grande massa corpórea".

Introdução

Ao terminar mais esse trabalho, sinto o dever de junto a você meu querido leitor, esclarecer sobre a prática da mediunidade como instrumento de auxílio aos que buscam consolo e esperança para o enfrentamento de suas dificuldades cotidianas. O conteúdo desse romance mediúnico não se trata apenas de fonte de lazer, pois traz em seu bojo ensinamentos e orientações pertinentes e as quais, desde o término de sua psicografia, me têm sido de grande valia na minha adequação comportamental frente aos preceitos da Doutrina Espírita.

Mediar comunicação entre os espíritos e os encarnados requer que tenhamos como alicerce, três princípios básicos: Responsabilidade com o compromisso de fidelidade que assumimos aos fatos que nos são passados. Ética para não tratarmos tais informações com a vulgaridade que muitas vezes permeia nossas atitudes. Respeito por aqueles usufruem esse trabalho como fonte de aprendizado e refrigério aos momentos das lutas diárias em suas vidas.

Aproveito então essa oportunidade para também esclarecer a você, que o médium não é mais especial do que ninguém. Todos nós nascemos com a faculdade mediúnica e o que ocorre é que uns optam por abrirem esse canal de comunicação de maneira mais explícita e transparente e outros não, mas a interação com os espíritos acontece para todos independente de acreditarem ou não.

Ao escrever o livro “Perfume de Jasmim”, narrei na introdução um pouco da minha experiência de vida e as dificuldades que enfrentei ao despertar para a necessidade de exercitar a minha mediunidade.

E agora, ao findar mais esse trabalho, posso assegurar que tanto quanto você amigo leitor, eu precisava desses ensinamentos para melhor conduzir minha vida. A mim isso prova que estamos todos num mesmo barco e que precisamos cuidar para que ele não fique à deriva.

Psicografar “O Canto dos Rouxinóis” foi para mim uma tarefa árdua, pois tive de enfrentar os contratempos próprios de nossa vida como encarnados, mas o prazer que senti a cada capítulo escrito, a cada lição aprendida, a energia positiva que desfrutei no convívio com o meu

grande amigo Saulo, é algo indescritível! Sei que a recompensa maior será a de poder dividir com você esse presente que me foi dado.

Embora eu saiba que o conteúdo desse livro seja singelo para o muito que ainda necessitamos aprender e que aos leitores com visão crítica sobre os desígnios de Deus, ele abre possibilidades para novos questionamentos, sinto-me extremamente amparada por dois sentimentos que nesse momento julgo imprescindível trazê-los ao seu conhecimento: Primeiro a fé inabalável que me garantiu ao longo da vida superar os obstáculos e querer aprender algo em cada um deles. Segundo, a felicidade de poder amar a mim mesma, com todas as fragilidades e deficiências que me são peculiares, porque o templo sagrado no qual habito hoje pode ser restaurado pela ciência sempre que houver necessidade, mesmo assim ele ruirá a qualquer momento e eu seguirei me lapidando a cada conhecimento adquirido, a cada dor sentida, a cada boa ação executada!

Desejo, portanto, que a leitura desse livro traga para você a mesma fonte de esclarecimentos, de identificação da narrativa com os problemas que ora enfrentamos na Terra e de prazer que me trouxe. E que você consiga encontrar nas páginas que se seguem, algumas respostas para as muitas perguntas que certamente são conflitantes em sua alma. Tenha você uma boa leitura e um ótimo aproveitamento!

Maria Conceição Oliveira Lima

Retorno a Colônia Revivendo

Desde que saíra do hospital já totalmente recuperado para iniciar minha primeira tarefa junto à médium minha querida amiga, eu sempre me perguntava qual seria a minha rotina após o término daquele nosso trabalho.

Por diversas vezes Dr. Pedro meu bondoso Mentor, ao ser inquirido acerca dessa curiosidade chamava a minha atenção dizendo da importância de vivermos bem um dia de cada vez. Vencendo com serenidade e fé as adversidades que surgem em nossos caminhos, contribuindo assim para a ordenação do Universo.

E uma vez que não podemos colher o fruto que ainda é semente, nós precisamos cuidar apenas da qualidade daquilo que por ora estamos plantando.

Foi assim que seguindo suas sábias orientações eu vi a psicografia do primeiro livro chegar ao fim com o êxito esperado! E embora houvesse outra etapa a ser cumprida na elaboração da obra, minha participação fora dispensada por tratar-se tão somente de tarefa que competia a minha amiga médium fazer!

Dr. Pedro me esclareceu que naquela fase apenas ele e o Mentor da minha amiga a orientariam e que, portanto, eu estaria livre para passear pela Colônia Revivendo e conhecer o trabalho que é desenvolvido nela, mas que manteríamos contato sempre que fosse necessário.

Ao me despedir dele, senti uma fusão de tristeza e alegria. A afeição que nos unia me trouxe a segurança de que, frente as descobertas e as lições que aprendi durante minha singela experiência como narrador psicográfico, esse afastamento temporário fazia parte de um novo aprendizado para mim.

Abracei longamente meu Mentor e segui por entre as belas alamedas da Colônia Revivendo. Percebi que como sempre o Dr. Pedro estava certo! Por onde passava notava que todos se ocupavam com alguma atividade.

Uns cuidavam dos jardins, outros acompanhavam grupos de crianças e adolescentes pelos pátios das escolas, outros se

encaminhavam para os diversos setores onde possivelmente desenvolviam seus afazeres diários. Entretanto, o que mais me impressionou foi o fato de que a alegria era marca registrada no semblante de absolutamente todos que ali habitavam e isso eu podia sentir quando os mesmos me cumprimentavam ou acenavam à distância.

Durante os dias que seguiram, me ocupei apenas em conhecer de perto a rotina de todos os grupos e nas horas vagas além de participar dos grupos de oração. Também volitava nos arredores da Colônia para observar como se dava os regates dos recém chegados.

Estava encantado com tudo o que via e aprendia e já vislumbrava uma nova etapa para essa minha jornada rumo a evolução! E foi com essa expectativa que algum tempo depois procurei o Dr. Pedro e lhe falei da minha intenção de partir em retiro espiritual para exercitar meus primeiros exercícios sobre meditação, afinal eu terminara uma missão com sucesso e julguei estar em condições para avançar mais um degrau no encontro comigo mesmo.

Ele, embora tenha me alertado para a precocidade de tal pedido tendo em vista o curto tempo de observação que eu havia disposto, em respeito ao meu livre arbítrio, me garantiu que naquele mesmo dia encaminharia meu pedido aos Mestres da Colônia e que certamente um deles, o orientador responsável pelo aprendizado da meditação iria apreciar o pedido e me procuraria.

Uma semana após minha solicitação, estava eu sentado à beira do lago central admirando a paisagem quando um Mestre chegando com passos lentos, quase imperceptível, sentou-se ao meu lado e disse:

___Meu filho, recebemos o seu pedido com muito carinho e eu fui incumbido não de dar-lhe a resposta, porque as respostas estão sempre dentro de nós mesmos, mas de orientá-lo e auxiliá-lo em tudo que necessitar.

Nós não temos poder algum para interferir no seu livre arbítrio e, ainda que o tivéssemos, sabemos que isso implicaria numa grande responsabilidade quanto às conseqüências das suas decisões. Mas, isso não nos isenta do dever de ajudá-lo, no entanto cabe-nos esclarecê-lo de que o caminho para uma plena meditação passa pela compreensão, doação e redenção para com nós mesmos e com nossos semelhantes.

Nenhum Ser conseguirá a completa extinção do egoísmo, chegando à perfeita comunhão com Deus, sem antes ter vencido todos os obstáculos que criou ao longo de sua existência, através de sentimentos e atitudes mal pensadas. Portanto, meu jovem não há meditação plena se não existir transparência cristalina dentro da alma.

Senti-me privilegiado em poder desfrutar da presença de um Mestre, afinal era sabido por todos que eles não dispunham seu tempo para pequenas resoluções individuais, ocupavam-se arduamente das questões complexas que comprometiam a trajetória evolutiva da coletividade. Percebi então, não apenas a seriedade daquele encontro, mas também que o Mestre estava sutilmente tentando me dissuadir da escolha que fizera e tentei me justificar:

___Mestre, eu tenho me dedicado profundamente a todas as formas de aprendizado que me têm sido colocadas e sei que, apesar dos erros que ainda cometo, existe dentro de mim a fé que me impulsiona para o caminho dessa comunhão com Deus!

Ele sorriu serenamente antes de me responder:

___Eu sei meu filho, mesmo aqueles que se dizem céticos, buscam esse momento e esteja certo de que nós, cada um no seu tempo, o vivenciaremos! Mas é meu dever adverti-lo de que nesse caminho não há desvio nem atalhos e ele muitas vezes nos parece árduo e longo demais.

Por isso muitos desistem da retidão e buscam caminhos alternativos que servem apenas para retardar sua evolução e a verdadeira comunhão com Deus. E, embora esses caminhos alternativos tenham também o seu valor, não podemos nos iludir confundindo sentimentos nobres com sentimentalismos mundanos.

Temos constatado alguns terríveis enganos cometidos pelos seres humanos quando adentram esses caminhos, os quais são de conseqüências desastrosas para a própria evolução. Veja como exemplo a confusão que fazem quando usam palavras, seja para expressar o que sentem ou numa simples conversação: Se alguém é submisso, dizem-no um ser bondoso porque a tudo se submete sem questionar. Submissão tem mais a ver com covardia do que com bondade, porque a pessoa submissa, na verdade tem medo de assumir suas responsabilidades frente à vida.

Ela prefere deixar que o outro tome as rédeas da situação em que ambos estão envolvidos porque, ao acontecer algo errado, será o outro quem assumirá as conseqüências. Mero engano, meu filho, mero engano! Ninguém deve ficar inerte diante da vida.

É a interação com os fatos que nos possibilita crescimento, mesmo porque a submissão que mais se assemelha à omissão por covardia não isenta ninguém das conseqüências. Note também que se alguém está alegre é natural dizer que está feliz, mas o que não percebem é que a alegria é um estado da alma passivo de ser alterado por qualquer motivo, enquanto a felicidade quando alcançada, torna-se uma característica do espírito. Ele não está feliz, ele é feliz, independente dos acontecimentos que o envolvam...

___Mas... Mestre é possível ser feliz sem expressar alegria?

___Muito interessante essa sua pergunta, meu jovem! A felicidade da qual vos falo trata-se de um sentimento nobre que por brotar no âmago da alma em nada se abala aos fatores externos e seu plantio e cultivo só depende da plena sintonia com Deus!

A felicidade enquanto característica do espírito faz o mesmo agir com serenidade diante de qualquer atribulação. Ele encontra resoluções sábias para o enfrentamento dos problemas, ainda que isso signifique o silêncio temporário da observação e muitas vezes da resignação também.

Então podemos dizer que a felicidade suprema traduz-se num comportamento no qual o silêncio é o mediador entre a serenidade e a sabedoria nas tomadas de decisões.

É a plena certeza de que o caminho escolhido foi o da restauração espiritual. Entretanto, é importante esclarecer que esse caminho trata-se, sobretudo do encontro com nós mesmos por meio do autoconhecimento. Esse encontro somente é possível quando enfrentamos a verdade que se encontra escondida não apenas nas nossas ações, mas nas intenções que precederam nossos atos. Também se doravante somos capazes de suportar as dores que isso nos causa, superando-as gradativamente até que não haja mais nenhum vestígio de possíveis enganos.

Portanto, lhe afirmo que a felicidade e a alegria são sentimentos distintos embora apareçam juntos em determinados momentos da vida e, por se assemelharem, são confundidos um com o outro.

Para que conheçamos a felicidade, necessitamos aflorar em nosso espírito o amor e a compaixão por nós mesmos, pois só assim seremos capazes de transferir tais sentimentos para os nossos irmãos de jornada. Só assim possuiremos a sabedoria e a paz interior para encontrarmos as respostas necessárias a todos os nossos "Porquês".

Eu diria que a alegria à qual você se refere, assim como muitos outros sentimentos experimentados pelos homens, é efêmera. São estágios importantes na escalada para a evolução, contudo devemos ficar atentos porque esses sentimentos burlam a própria vulnerabilidade da qual, todos são passivos.

É exatamente nesse ponto que os sentimentos nobres são confundidos com sentimentalismos passageiros. Reafirmo então que todos os caminhos têm sua importância na trajetória evolutiva de cada um, no entanto não podemos estagnar. Um Ser pode estar com uma questão muito grave para resolver, a qual o entristece, mas se alguém lhe contar um acontecimento engraçado ele ficará alegre, mas não estará feliz!

Eu poderia lhe dar muitos outros exemplos, mas o tempo urge e ainda tenho muitas outras tarefas pela frente, contudo ocorreu-me citar mais um: É muito comum quando alguém está apaixonado dizer que está amando, pois eu lhe afirmo categoricamente que quanto mais apaixonado estiver mais longe estará do amor.

A paixão cega e nos faz crer que o outro seja o que imaginamos e não o que ele realmente é. Enquanto o amor nos amplia a visão, nos faz enxergar o outro muito além do invólucro carnal em que habita seu espírito.

A paixão nos transforma apenas em objeto desse sentimento, nos deixando vulneráveis às turbulências que ela provoca, enquanto o amor nos proporciona o êxtase de aprender, de ensinar e de compartilhar a vida em sua plenitude.

A paixão queima, nos faz arder em chamas, nos tortura e nos submete aos sentimentos vis que decorrem dela, seja o ciúme que tanto

nos fragiliza, ou mesmo a posse que muitas vezes nos faz reféns de atitudes covardes.

O amor ao contrário, nos enleva e acalma, ele é brando e constante tal qual a água cristalina de uma fonte. Enquanto a paixão sempre chega fazendo alaridos, causando impacto, se impondo e devastando tudo a sua volta, o amor chega de mansinho, silencioso e discreto; cauteloso ao se instalar dentro de uma alma porque sabe que dele dependerá a sua evolução e isso o torna o mais sublime de todos os sentimentos.

___Mestre, é possível não haver reciprocidade nesse amor?

___Não meu filho! É possível haver reciprocidade em todos os sentimentos, sobretudo no verdadeiro amor! Embora todo e qualquer sentimento pertença exclusivamente a quem os sente é tão somente no amor que encontramos a oportunidade de restaurarmos nossas relações degringoladas por sentimentos vis que tivemos no passado.

O que une as pessoas em seus sentimentos é o que chamamos de padrão vibratório. Toda a reciprocidade que dou aos sentimentos oriundos de meus semelhantes está diretamente ligada ao meu padrão vibratório, ou seja, eu só me sintonizo com freqüências nas quais vibro.

Porém, em se tratando do verdadeiro amor, aquele que o Cristo nos exemplificou, ouso afirmar que nenhum Ser, por mais baixa que seja a sua escala evolutiva ficará inerte a imensurável vibração positiva que emana desse sentimento. Ainda que isso represente muitas existências de rejeição e negação, sempre há um momento em que todos se rendem a esse sentimento!

A paixão, por exemplo, é um sentimento volúvel que só sobrevive enquanto submete o outro ao que exige suas expectativas, por isso apesar de se apresentar como um sentimento forte e resistente ela acaba tão rapidamente quanto começou.

Quanto ao amor, a reciprocidade, como eu já afirmei, fica por conta da própria carga de vibração positiva emanada desse sentimento responsável por unir os seres humanos através de pensamentos de compreensão e de indulgência.

Mesmo quando, por diversos motivos, não conseguem vivenciar esse amor nos termos estabelecidos na Terra, afinal cada um precisa escrever sua própria história evolutiva, a reciprocidade está

estabelecida, pois que ninguém, eu volto a afirmar, por mais baixa que seja a sua escala evolutiva, fica indiferente ao receber vibrações de amor. Ela evolui quem emana e sustenta quem recebe!

Embora devamos respeitar nossos irmãos que ainda não conheceram essa dádiva, é imprescindível que os ajudemos a discernir sobre a diferença que existe entre amor e paixão, bem como tantas outras confusões que eles fazem para expressar seus sentimentos.

Para que você melhor entenda a distinção do amor em relação a outros sentimentos, veja o exemplo da mágoa: Você acha que ela pertence à quem? À quem magoou ou à quem foi magoado? Todos pensam que ela pertence a quem magoou, não é mesmo? Mas a verdade é que ela pertence à quem foi magoado.

É dentro dessa alma que a mágoa brotou! E alimentá-la, transformando-a em ressentimentos, desejos de vingança e fardo pesado; ou expurgá-la libertando-se dessas amarras, encontrando assim a leveza através do perdão a quem magoou e principalmente a si mesmo por ter permitido ser magoado, compete à pessoa portadora de tal sentimento.

___Mas, e quem magoou? Não tem culpa por tal atitude?

___Culpa não, ele tem responsabilidade e independente de ter havido ou não a intenção de magoar, ao tomar conhecimento do ocorrido ele deve como um cristão se redimir do erro, reconhecendo-o! Porque não existe erro se não há o reconhecimento do mesmo!

Lembra que falei sobre buscar as verdades que existem na ação e na intenção? Pois bem, serão essas verdades o que possibilitará arrepender-se ou não de seus atos infrutíferos e conseqüentemente ao pedido de perdão que somente os espíritos conhecedores de suas falhas e fragilidades são capazes de solicitar.

Eu ia questionar mais alguma coisa, mas ele, passando a mão levemente sobre meus cabelos, levantou-se para se despedir:

___Saulo, meu filho gostaria muito de continuar essa nossa conversa, mas ela ficará para outra oportunidade, pois como disse tenho ainda outras tarefas para cumprir hoje. Quanto a você, sabe que é livre para iniciar seu aprendizado de meditação. Boa sorte, meu filho! E que o Mestre Jesus o ilumine nessa busca! Fiquei ali por mais algum tempo a olhá-lo enquanto se afastava com passos lentos por entre as alamedas.

Apesar de já não me sentir tão seguro quanto à minha decisão, resolvi que o melhor para mim seria realmente o retiro por algum tempo. Haveria de aprender a estar comigo mesmo e buscar nas profundezas do meu ser as respostas para as questões que ainda me afligiam.

Depois de algumas horas observando os movimentos à minha volta, e já um tanto melancólico, eu parti para o alto da colina determinado a buscar na meditação o encontro comigo mesmo.

O vento soprava fortemente, trazendo aos meus ouvidos uivos horripilantes que mais pareciam gemidos de pessoas agonizando em dor! Senti medo, porém ao me acomodar confortavelmente embaixo de uma imensa paineira e erguer os olhos, o cenário que vi era tão esplendoroso que esse sentimento logo dispersou.

No céu as estrelas reluziam como gotas de cristal, piscando simultaneamente e dando à noite um tom prateado com tamanho brilho que me deixou extasiado! Ao longe, lá embaixo, esse brilho juntava-se aos diversos raios de luzes em tons dourados, lilases, rosas e azul celeste que saíam da Colônia, completando a magnitude de tal beleza!

Não sei por quanto tempo fiquei ali, completamente inebriado com o que via, contudo aos poucos fui retomando a consciência do motivo que me levara a estar naquele lugar. Foi então que a primeira das questões surgiu: No primeiro momento uma sensação de ser grande, forte, parte daquilo tudo, me fazia um Ser vivenciando a concretização plena da grandiosidade de sua existência. No momento seguinte, pequeno, frágil, apenas um miserável pecador, incapaz de integrar-me àquela imensidão.

A ambivalência nesses sentimentos surgiu numa seqüência tão rápida que todo aquele majestoso cenário ficou para trás, me permitindo o primeiro mergulho na vastidão do meu ser. Logo ouvi a voz silenciosa da minha alma que aflita se perguntou:

Por que, em alguns momentos na vida, nos sentimos tão grandes, tão capazes, e em outros, tão pequenos, tão vulneráveis? Relembrei alguns momentos das minhas últimas encarnações na Terra e observando melhor algumas reações de outros seres que compartilharam essas trajetórias comigo, descobri não ser o único a se afligir diante de tal questão.

Pude notar que havia entre nós todos alguns traços em comum. Éramos seres que trazíamos na alma a inquietude da busca e isso nos tornava temperamentais, fazendo-nos oscilar entre sentimentos nobres e sentimentalismos rasteiros. Isso trouxera conseqüências danosas para a evolução de cada um, mas não havia porque lamentar.

Descobri naquele momento que ninguém consegue avançar um passo se estiver preso nas amarras das lamentações. A lamentação nos faz reféns de fatos desagradáveis que pode e deve servir apenas como um processo de nosso aprendizado.

Procurei nos registros da minha memória os momentos em que me senti grande e então descobri também o quanto havia me equivocado e o quanto, outros seres ainda permanecem nesse estágio. Comecei a interagir comigo mesmo e essa experiência estava me fascinando! Incrível como as respostas surgiam rápidas e com tamanha franqueza que não deixavam pairar qualquer dúvida dentro de mim!

Lembrei-me dos ensinamentos do Dr. Pedro e das últimas palavras do Mestre e descobri que eles estavam certos ao dizerem, entre tantas sábias palavras que as respostas estão sempre dentro de nós mesmos. E eu percebia naquele momento que não as buscamos porque elas estão sempre ligadas à verdade e é preciso coragem para enfrentar a nossa verdade.

A verdade que existe dentro de nós, muitas vezes é mais cruel do que a que nos é imposta por terceiros! Mas, passado o primeiro impacto, quando conseguimos avaliá-la com imparcialidade e isenção de sentimentalismos, ela nos impulsiona para o recomeço, nos revigora a fé e, portanto, nos abranda a alma e certamente nos aproxima de Deus.

Eu acabara de aprender que o verdadeiro sentimento de grandeza interior em nada se assemelha à vaidade, à prepotência, ao egoísmo ou ao poder que buscamos impor ao nosso semelhante.

Todas as vezes que nos sentimos grandes, capazes e fortes, esse sentimento geralmente está ligado a algum ato de certa relevância que praticamos, mas principalmente ao reconhecimento do mesmo por outras pessoas.

Então nos deixamos tomar pela vaidade, pensamos que somos bons mesmo! Com poder suficiente para fazer dos beneficiados por essa “bondade” seres dependentes, incapazes de aprenderem conosco e

escolherem sozinhos o caminho que querem seguir. É nesse momento que tudo o que fazemos, por mais relevante que seja, perde o seu valor, choca-se com a verdadeira grandeza interior e rui por terra. Já não estamos mais preocupados em ver o outro feliz, mas que ele seja feliz à nossa maneira.

O que poderia ser grande torna-se por demais, pequeno!

O sentimento de grandiosidade deve e precisa estar unicamente ligado à consciência de que tanto quanto nossos semelhantes, nós passamos por momentos de fragilidade e vulnerabilidade frente ao destino que nós mesmos construímos e que exercitar a bondade com discrição e humildade poderá nos proporcionar no futuro uma leitura muito agradável do livro que escreveremos para levar conosco ao regressarmos para nossa verdadeira morada.

A certeza da imortalidade da alma nos faz sentir grandes, fortes e capazes! Porém, é essa certeza que também nos faz muito mais responsáveis diante das provações e bênçãos que buscamos junto aos nossos semelhantes.

Mas, a fé em Deus e no seu incondicional amor por nós é, incontestavelmente o fator primordial que deveria nortear todas as ações que nos fazem grandes, fortes e capazes!

Eu me sentia aliviado! Embora os enganos cometidos no passado tivessem deixado profundas feridas a serem curadas, eu sabia que novas oportunidades surgiriam. E ao vislumbrar essas novas oportunidades, automaticamente surgiu a pergunta:

E quando os momentos difíceis chegarem e eu me sentir pequeno, frágil, apenas um miserável? Com a mesma rapidez que a pergunta surgiu, a resposta se delineou dentro de mim como um alento, me enchendo de esperança pelos dias vindouros.

Voltei à questão anterior e qual não foi a minha surpresa ao descobri que o mesmo motivo pelo qual nos sentimos grandes e poderosos, no sentido contrário, também nos faz sentir pequenos e miseráveis, passivos de sermos derrotados por um ato mais grave cometido por nossos semelhantes, ou até mesmo por uma palavra dita em momento inoportuno.

Ora, se ao fazermos uma boa ação nos sentimos grandes ao recebermos o reconhecimento do favorecido por ela, é óbvio que

partindo desse princípio, quando ocorre não apenas o não reconhecimento, mas exatamente o outro extremo que é a ingratidão, é natural nos sentirmos pequenos, destruídos em nosso “amor próprio” e na “boa vontade” que tivemos ao servir!

Mas que amor próprio é esse que se destrói diante da ingratidão? Que boa vontade é essa que não traz a paz interior? Então só me resta compreender e aceitar que em minha ação não houve a intenção de tão somente servir, houve, sobretudo a necessidade de ser reconhecido! Não estou em paz porque não tive a boa vontade de servir com desprendimento. A boa vontade da qual nos falou Jesus!

Descobri naquele instante que o desprezo pelo sacrifício que fazemos ao servir, porque a bondade praticada naqueles parâmetros sempre nos deixa a sensação de sacrifício, nos leva a mágoa, ao rancor e quem antes foi digno dos nossos préstimos, torna-se um inimigo ao qual desejamos a pior de todas as sortes.

E nesse estágio, quanto menor nos sentirmos, mais humilhados ficamos e então somos alimentados apenas pelo desejo de vingança, que naturalmente chamamos de justiça. É evidente que nós desejamos vê-lo caído novamente e, se possível, aos nossos pés para que possamos gritar-lhe aos ouvidos o quanto foi indigno da nossa bondade e o quanto nós fomos injustiçados por sua ingratidão.

Descobri que amor por si mesmo e boa vontade, não se assemelham a orgulho e egoísmo!

Pensei também em quanto no sentimos pequenos quando cometemos erros. As pessoas nunca dizem: Acho que você não acertou, quer que eu o ajude para não errar outra vez? Normalmente elas primeiro acusam, depois atiram as pedras e quando julgam que não há mais o que fazer, elas nos condenam a carregar o eterno sentimento de culpa, que a meu ver é o fardo mais pesado que um espírito, em plena evolução pode suportar. Digo isso porque ainda não me desfiz dos meus fardos.

Em muitas vezes ele é formado por conceitos estabelecidos pelo próprio homem, quando encarnado, e deles originam sentimentos tão primitivos e rasteiros que é preciso muitas encarnações para que se desfaça esse fardo e o espírito possa enxergar e avaliar a verdade cristalina de seus atos. Entretanto, tal qual na questão anterior, se

tivermos consciência de que absolutamente tudo o que fazemos, seja bom ou ruim, fazemos por nós e para nós mesmos, jamais seremos cativos das condutas alheias.

Se tivermos a certeza de que não somos apenas o que vemos, mas principalmente o que pensamos e sentimos, desenvolveremos o senso de responsabilidade para com nossas ações e isso nos afastará da autocomiseração e do flagelo ao qual nos remetemos quando nos sentimos pequenos, ou mesmo, da prepotência e da arrogância que nos toma o espírito quando nos sentimos poderosos diante de nossos semelhantes.

Necessário se faz reafirmar que a fé em Deus também nesse caso é o ápice que podemos atingir para nos compreender e principalmente nos aceitar na condição de pequenos, afinal, somos pequenos sim, porém apenas na condição de partículas Dele! É essa conscientização que nos eleva o espírito a um grau de força interior tão grande que nada nos fará perder a esperança de que atingiremos o crescimento necessário para um dia nos juntarmos a Ele.

Estava tão envolvido com minhas buscas interiores que não percebi o tempo passar. A noite se fora dando lugar ao dia que, depois de cumprir seu ritual de renovação, agora buscava repouso no entardecer e, se não fosse pelos rouxinóis que teimavam em me dispersar, penso que ainda hoje estaria lá.

Lembrei-me de que, assim que cheguei a Colônia Revivendo, soube por intermédio de alguns companheiros que já habitavam lá, entre tantas outras peculiaridades, que, quando os rouxinóis entoavam aquele canto desesperado, que mais parecia um lamento de dor e partiam em revoada por todos os arredores da Colônia, era sinal de que algo de muito sério estava acontecendo!

Porém, sempre ao tentar me aprofundar nessa história e saber qual a ligação dos rouxinóis com os possíveis dissabores da Colônia Revivendo, todos me respondiam que no momento oportuno eu certamente saberia, portanto não deveria me preocupar, mas apenas saber que nessas ocasiões era necessário redobrar a minha atenção.

O toque suave e insistente da sirene tirou-me completamente do estado de introspecção em que me encontrava. Não era uma sirene qualquer e

que pudesse me assustar, afinal era apenas a sirene de alerta solicitando que todos se reunissem no pátio central.
Naquela tarde especificamente e embora não fosse comum esse tipo de acontecimento na Colônia, não fiquei apreensivo para saber o que estava realmente acontecendo para que os rouxinóis fizessem aquela algazarra toda. Olhei para o céu e agradeci a Deus por mais aqueles momentos de contato comigo mesmo, onde a paz invadira-me por completo e fizera-me vibrar de amor por todo o Universo!

Os últimos raios de sol no firmamento misturavam-se em tons salmão e dourado dando ao cenário uma magnitude que sensibilizaria até o mais rude dos mortais! Em algumas horas ele se recolheria e em seu lugar milhares e milhares de gotas brilhariam com o mesmo esplendor! Era o Universo cumprindo seu ritual de renovação sempre dinâmico e sereno, nos convidando a elevar nossos pensamentos ao Pai! Sentia-me extasiado com tamanha beleza! E a certeza que todos nós fazíamos parte desse Universo me conduzia à presença Deus.

Eu descobrira que o despertar da nossa consciência era uma trajetória individual e árdua, mas não necessariamente solitária, pois somente estamos sozinhos quando nos ausentamos de nós mesmos e conseqüentemente, de Deus! E como a fuga de nós mesmos é uma constante em nossas vidas parece natural dizer que nós somos solitários.

Procurei me certificar do que estava ocorrendo e vi que muitos espíritos de luz, alguns dos quais eram socorristas internos e quase nunca saíam de lá, volitavam nos arredores da Colônia como se procurassem algo.

No parque central pude perceber que os Mestres Espirituais estavam reunidos com todos os Mentores e isso me deu a certeza de que realmente algo de muito sério estava acontecendo!

Meio contrariado, mas cedendo a minha intuição resolvi regressar do alto da colina e me inteirar dos fatos.

Nos jardins diversos grupos em círculos oravam. Eu me aproximei de um deles e num breve intervalo entre as orações perguntei:

___O que está acontecendo aqui?

Simão o dirigente daquele grupo foi quem respondeu e pelo tom grave de sua voz notei o quanto estava preocupado.

___Você ainda não sabe, Saulo?

___Saber o que? Eu estava desde ontem em retiro na colina...

___É Lemúria, ela fugiu de Abarráz outra vez e parece que agora trouxe consigo uma legião de amigos dela. Nós não fomos informados ao certo onde ela se encontra, mas pelas vibrações captadas parece que está nos arredores da Colônia. Os Mestres estão reunidos, mas ainda não nos deram nenhuma outra orientação a não ser para que orássemos, dando suporte aos espíritos socorristas que estão tentando encontrá-la.

O Espírito de Lemúria

Fique intrigado com a informação que Simão acabara de me passar afinal, por todo o movimento que eu acompanhara ainda do alto da colina, parecia tratar-se realmente de um acontecimento muito grave.

___Mas quem é Lemúria, Simão? Acho que já ouvi falar alguma coisa sobre esse espírito, embora nesse momento não esteja me lembrando.

Simão solicitou ao grupo que permanecesse em oração e segurando-me pelo braço fez com que nos afastássemos um pouco e após nos acomodarmos em um banco debaixo de um flamboyant, me contou:

___Lemúria é um espírito doente e atormentado que não conseguiu aceitar seus fracassos nas muitas encarnações que esteve na Terra. Isso fez brotar nela uma devastadora sede de vingança, fato esse que a deixou completamente desequilibrada.

Nós a chamamos assim porque além de se apresentar sempre com aparência feminina, é o nome que recebeu no Vale de Abarráz quando há muitos séculos atrás, em um de seus primeiros fracassos quando encarnada, foi levada para lá por companheiros de infortúnios.

Foi com esse lugar que ela se identificou e por isso, sempre que desencarna é para lá que ela retorna. Sua história é muito triste e envolve, sobretudo, um espírito que na época encontrava-se no mesmo estágio espiritual dela.

No entanto, este último, embora tenha despertado em seu ser imensurável amor por ela, ao longo dos séculos galgou elevados patamares na escala de sua evolução e habita hoje esfera oposta ao mundo em que permanece Lemúria. Até eu já estive envolvido num grupo que a apoiara em uma de suas encarnações e, apesar de minha participação ter sido singela, não quis mais me envolver nesse tipo de resgate.

Há tempos atrás os Mentores deram uma palestra sobre ela aqui na Colônia. Entenderam como sendo uma forma de alertar a todos sobre a responsabilidade que temos ao escolher as provações às quais iremos nos submeter nas oportunas reencarnações.

Eu me lembro que um deles falou sobre o perigo que corremos quando queremos pular degraus de nossa escalada evolutiva porque temos pressa ou porque nos julgamos aptos a galgar patamares acima daqueles que somos capazes de suportar, nos impondo sacrifícios e renúncias que, ao estarmos encarnados, não conseguimos cumprir.

Mas, ao voltarmos ao mundo espiritual e descobrirmos o terror do fracasso e o tempo perdido, se não formos fortes e humildes o suficiente para aceitarmos tais derrotas e buscarmos a preparação para um recomeço, estaremos fadados a nos tornarmos uma Lemúria. Nessa época penso que você estava em missão na Terra, pois não me lembro de ver você na palestra.

___Creio que sim Simão, mas agora termine de me contar essa história.

___Pois bem, contaram-nos os Mentores que há muitos séculos atrás, Lemúria foi recolhida pelos socorristas viajantes quando vagava nos arredores do umbral, mais precisamente no Vale de Abarráz que, como já disse, é onde ela gosta de estar. Procurava por um espírito chamado Krits, o qual, segundo ela, a abandonara àquele infortúnio sem ao menos ter lhe explicado o motivo de tal crueldade, e ela queria o encontrar para dizer-lhe que o perdoava e que ficaria ao seu lado para sempre.

Estava completamente embriagada, suja e esfarrapada e pelo mau cheiro que exalava podia se deduzir facilmente que há muito ela encontrava-se naquele estado deplorável. Seu choro compulsivo e cheio de lamentações em nada traduzia os verdadeiros sentimentos que a